



ENTREVISTA

GERALDO MÁRTIRES COELHO

Revisitando a Independência no Pará

Entrevista realizada em 2022 com o Historiador e Professor de História da Universidade Federal do Pará e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, Dr. Geraldo Mártires Coelho, sendo entrevistadora Ada Bastos.

163

INTRODUÇÃO À ENTREVISTA

O Prof. Dr. Geraldo Mártires Coelho está entre os maiores e talentosos historiadores brasileiros. É Licenciado em História pela Universidade Federal do Pará em 1972. Tornou-se especialista em Educação pela Universidade de Brasília em 1973, mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal Fluminense em 1978, doutorado em História Cultural e das Mentalidades pela Universidade Nova de Lisboa em 1987 e Pós-Doutorado pela Universidade Nova de Lisboa em 1995. Atualmente, é Professor Aposentado da Universidade Federal do Pará. Atuou e segue atuando na grande área de História Brasil, operando principalmente nos seguintes campos temáticos: história cultural, sociedade e cultura, mundialização da cultura, historiografia brasileira, teoria da história e relações interdisciplinares e transdisciplinares da História. Sobre a sua trajetória e formação acadêmica, além de dezenas de artigos publicados em revistas nacionais e internacionais, destacam-se os livros "A lira de Apolo" (2014), "O Espelho da Natureza" (2009), "O Violino de Ingres" (2005), No coração do Povo (2002), "O Brilho da Supernova" (1995) e "Anarquista, Demagogos e Dissidentes" (1993) e Letras & Baionetas (1989), entre outros. Nesta entrevista, concedida ao podcast "Quem conta a História?" e aqui transcrita Geraldo Coelho comenta a influência da Revolução Vintista, a importância do Arquivo Público do Pará e como a releitura de um fato histórico pode nos ajudar a entender a Independência do Brasil no Pará.

1. Então para gente começar, eu gostaria de pedir para o senhor se apresentar, contar sua trajetória acadêmica até aqui.

Olha, eu fui professor da Federal até uns 12 anos atrás, quando eu me aposentei. Fiz o mestrado em história do Brasil na UFF, na Federal Fluminense, no Rio, fiz o doutorado e o pós-doutorado em história cultural na Universidade Nova de Lisboa, tenho 16 livros publicados, o último dos quais saiu no final do ano passado, sobre o Grêmio Literário português e a Belém da Belle-Époque, que é um estudo da sociedade e da cultura da Belém da borracha, com o enfoque no Grêmio Literário português.

2. *Perfeito, professor. Então o currículo ele é bem longo, de muita pesquisa, de muita luta aí na área da educação, na área da história.*

Sim, eu entrei na federal como professor em 73, eu tinha 22, 23 anos, mas não foi nenhum político que me colocou lá (Ada Bastos: risos) eu entrei por concurso público, passei em primeiro lugar no concurso para história contemporânea e comecei então a minha trajetória acadêmica, que continua até hoje, nesta entrevista.

3. *Então, professor. Bom, vamos começar, então, a nossa entrevista, né? A gente sabe que o senhor fez a sua pesquisa utilizando os acervos públicos do Pará e também de Portugal, que você morou um período por lá. A gente queria perguntar, então, por que ir até Portugal para fazer o resgate dessa história? O que motivou essa decisão?*

Porque eu constatei em pesquisas anteriores que havia lacunas documentais no acervo do Pará, aqui no arquivo público do Pará. Por exemplo, o jornal “O Paraense” não tinha em Belém.

4. *Nenhum registro?*

Havia apenas o registro documental de relatórios e ofícios do governo. Então, mas o jornal em si, não tinha. Parte da documentação oriunda das autoridades portuguesas aqui remetendo a Lisboa, pintando o quadro dominante das ideias em Belém também não encontrei aqui. Eu: “ bom, tenho que pegar a primeira caravela que aparecer e ir trabalhar em Lisboa”.

5. *Isso foi em que ano, professor? Desculpa.*

Eu fui em 85, 86, por aí. E lá, em Lisboa, eu trabalhei no arquivo ultramarino, na biblioteca nacional de Lisboa, no arquivo da torre do tombo, justamente os pontos fulcrais da massa documental da vida histórica ultramarina de Portugal.

6. *O senhor falou sobre o jornal “O Paraense”, né? Enfim, eu gostaria de perguntar também qual a importância do resgate desse, enfim, dos documentos, na verdade, daquela época que faziam parte do jornal e também para as tensões ocorridas no Pará durante o período da Independência.*

Olha, o ponto fulcral da coisa está nos efeitos da Revolução Vintista sobre o Brasil e, evidentemente, sobre o Pará. O que foi a Revolução Vintista? Um giro na política portuguesa que impôs a tão monarquia absoluta de Portugal o que foi considerado a Revolução Constitucional de 1820 em Portugal. O nascimento, portanto, de um espectro constitucionalista pregando a liberdade de opinião, a liberdade de pensamento, modernizando e oxigenando o tecido político português e, obviamente, com projeções sobre o Brasil, quer no Rio de Janeiro, como ocorreu também no Pará, via Filipe Patroni e com ele o jornal “O Paraense”.

7. *E dentro da sua pesquisa você vai justamente resgatar no seu livro, né, na verdade? Conta um pouquinho mais para gente sobre a pesquisa que deu origem ao seu livro.*

Olha, eu trabalhei no meu livro, que se chama “Anarquistas, demagogos e dissidentes: a imprensa liberal no Pará 1822-1823”, o nascimento, quer dizer, o aparecimento do primeiro jornal no norte do Brasil. Filipe Patroni, Filipe Alberto Patroni Martins de Maciel Parente, nome completo da fera, era estudante de direito em Coimbra e absorveu, evidentemente, o ideário constitucionalista de 20 em Portugal, do vintismo português, e sabia bem, evidentemente, de como se mediava as relações de poder no Pará àquela altura e, por iniciativa própria, ele adquiriu um material tipográfico necessário para imprimir o jornal que ele trouxe esse material para Belém e aqui nasceu “O Paraense”.

8. *Perfeito, professor. E naquela época, de que forma as ideias liberais que circulavam no Pará elas viriam a influenciar o processo de Independência aqui no estado?*

Olha, nós precisamos primeiro ter em mente que quando nós tratamos deste processo nós estamos nos reportando, nos referindo, evidentemente, às elites letradas de Belém. A sociedade brasileira como um todo, escravista, analfabeta. Então as ideias liberais, pregadas pelo Patroni e pelo jornal “O Paraense”, alimentaram justamente na elite política do Pará a ideia não, eu chamo a atenção, não de pregar a independência como ocorria, ocorreu, perdão, no Rio, em 1822. Estou falando de Belém de 22 para 23. O que a elite letrada e política do Pará desejava àquela altura era justamente oxigenar as relações de poder, de tal maneira que as velhas estruturas do mandonismo português recuassem e o advento de orientação política de brasileiros, de paraenses, tomasse o espaço das relações de poder no Pará.

9. *Perfeito, professor. Ainda sobre o movimento vintista, né? No contexto da Independência do Brasil no Pará, eu queria que o senhor falasse mais sobre isso, sobre a importância dele.*

Sim, foi como eu me referi agora a pouco ao tocar no “O Paraense”. O vintismo oxigena as relações de poder. Então o velho e clássico mandonismo português da época das capitanias, como ocorreu no Rio de Janeiro e ocorreu em Belém, passa a ser contestado e, evidentemente, oxigenado pelas ideias liberais. Então, o que os brasileiros buscam, no caso os brasileiros de Belém, os brasileiros do Rio de Janeiro, é oxigenar as relações de poder, é tornar essas relações mais leves, mais liberais. No Rio, diferentemente, deu-se a Independência do Brasil. No Pará, esses liberais não estão buscando a independência no modelo do Rio de Janeiro. Ninguém aqui está pregando “Viva a Independência de 1822”. Não, aqui o que está em jogo é, evidentemente, essa liberalização das relações de poder. O que distinguiu aquele momento de 22, 23, no momento em que atuaria, por exemplo, já nos cenários ideológicos e políticos que levam à Cabanagem, que

é, efetivamente, uma radicalização do poder no sentido de desalojar os mandatários antigos da esfera do poder no Pará.

10. *Professor Geraldo, no que diz respeito ainda àquela época, os movimentos que ocorreram aqui, na nossa região, você acredita que a gente ainda tem muito a resgatar da nossa história, do que aconteceu por aqui?*

Olhe, Ada, eu, como historiador, digo sempre que a história está em aberto. Nós dependemos sempre de novas, de fontes, de documentos, leituras, abordagens, novas fundamentações teóricas e metodológicas capazes de relatar, redefinir, reordenar este processo à luz de novas fontes, novas abordagens e nova documentação. Não é, evidentemente, o passado que explica o presente, é o presente que reordena o passado à luz de novos documentos, novas metodologias e novo aparato teórico.

11. *Perfeito, professor. A gente estava conversando antes da entrevista sobre a questão do arquivo público aqui, né? Que se encontra aqui, na capital do Pará, aqui em Belém, e eu queria que o senhor falasse um pouquinho mais também sobre a importância tanto dos estudantes de história, enfim, dos profissionais, não só de história, como de todas as áreas, né? Que pudessem se debruçar, na verdade, nesse arquivo, o que que a gente pode encontrar dentro do arquivo público do Pará?*

Olha, eu sou suspeito para falar porque fui diretor do arquivo público durante algum tempo, mas é fundamental, Ada, é o seguinte, é que as massas documentais alimentam, permitem, justamente, uma reelaboração, uma releitura do passado, e hoje, em termos da metodologia das ciências sociais, nós temos um relacionamento interdisciplinar, de tal forma que um pesquisador voltado, digamos, para a vida social em termos sociológicos de Belém do Século XIX, tem no arquivo elementos e documentos que tem o historiador, que tem o literato, porque as fontes se prestam, justamente, para essa multiplicidade de leituras e de abordagens, afinal de contas, o conhecimento das ciências sociais, não só da história, é interdisciplinar.

12. *Professor Geraldo, bom, no começo da entrevista, você falou que já está aposentado, né? Já está há alguns anos fora da sala de aula. Eu gostaria de saber também o que você está fazendo hoje, o que que está produzindo, como está a vida profissional e acadêmica nesse âmbito também.*

Eu estou, em termos acadêmicos, mais, digamos, redirecionando as minhas abordagens, as minhas leituras. Há várias entrevistas e os podcasts (risos). Por exemplo, me reporto como a minha formação acadêmica é em história cultural, eu me reporto, por exemplo, a esse último trabalho que eu publiquei, intitulado, saiu em outubro, novembro do ano passado, pela editora Paka-Tatu, intitulado “O Grêmio Literário português e a

Belém da Belle-Époque 1850-1910”, que é um estudo da sociedade e da cultura de Belém da borracha, com enfoque no grêmio como um espaço da sociabilidade e da cultura urbana da Belém da borracha.

13. *Então, ainda tem muita coisa aí que a gente pode esperar no próximo período, professor, muitas produções.*

Eu espero também.

14. *Bom, professor, a nossa entrevista vai chegando ao fim e, na verdade, eu queria perguntar se tem mais algum ponto que o senhor ache relevante e necessário a gente destacar hoje, aqui, sobre a Independência do Brasil no Pará.*

O ponto que eu tenho a destacar e que eu já me referi e reportei antes é que nós temos que proceder como estamos procedendo as releituras do processo da Independência no Brasil porque se nós formos olhar, ler, a abordagem que o século XIX fez da história do Brasil e da história da Independência do Brasil, em historiadores como Varnhagen, Capistano de Abre, nós vamos perceber um dado enfoque, uma dada leitura, uma dada visão que hoje nós podemos considerar demarcada e limitada para um processo de múltiplas significações. É o que a história faz hoje, não é? Como eu disse a pouco, não é o passado que explica o presente, é a história, à luz de novos documentos, novas abordagens teóricas e metodológicas, que recria, reinventa o passado.

15. *A partir disso, então, a gente ainda tem um bom caminho pra ressignificar a história, desde, enfim, da educação das nossas crianças, desde a escola.*

Sim, claro, claro.

16. *Bom, professor Geraldo, eu gostaria de agradecer a sua participação no nosso podcast “Quem conta a história”.*

Eu agradeço também a oportunidade, acho que é um trabalho importante, é um trabalho significativo, porque são várias fontes de leitura, como há várias fontes de interpretação. Então, é tão válido ter acesso a uma abordagem em um podcast, como em um livro, uma revista ou um documento.

17. *Muito obrigada, professor, pela participação. Desejamos sorte nas suas futuras produções, contribuições. Muito obrigada.*

Eu que agradeço e fico à disposição de vocês para outras oportunidades.